

ANO 1 - Nº 3

novembro 2000

REFLEXÃO

PÓS-MODERNIDADE E NOVOS PARADIGMAS

INSTITUTO
ETHOS

EMPRESAS E
RESPONSABILIDADE
SOCIAL
BUSINESS AND SOCIAL
RESPONSIBILITY

Instituto Ethos Reflexão é uma publicação
do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social,
distribuída gratuitamente aos seus associados.

Agradecimento

Frei Betto, pela autorização ao uso e a reprodução do conteúdo da palestra que tratou do tema *A generosidade e A capacidade de doar – seus impactos na gestão empresarial*, proferida em 25 de abril de 2000, a convite do Instituto Ethos, no Pueri Domus Escolas Associadas.

Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
Rua Francisco Leitão, 469 – 14º andar – Conj. 1407
05414-020 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (0xx11) 3068.8539
e-mail: ethos@ethos.org.br
visite o nosso site: www.ethos.org.br

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao terceiro número de “Instituto Ethos Reflexão”, uma publicação que objetiva estimular o espírito crítico nas empresas, abordando aspectos voltados aos três principais eixos da responsabilidade social – conceito, estratégia e prática.

Para celebrar essa conquista, optamos por reproduzir nesta edição, na íntegra, o conteúdo da palestra que tratou do tema “A generosidade e A capacidade de doar – seus impactos na gestão empresarial”, proferida por Frei Betto, a convite do Instituto Ethos, em 25 de abril de 2000, no Pueri Domus Escolas Associadas.

Para os associados que estiveram presentes ao encontro, será mais uma oportunidade de retomar temas cruciais como, entre outros, os cinco pilares da modernidade e da sociedade: o Estado, a família, a escola, a Igreja e o trabalho; o modelo de pensamento da sociedade capitalista neoliberal, os conceitos de alteridade e culturas paralelas, o papel da empresa como escola de cidadania. Já aqueles que não tiveram a oportunidade de comparecer ao evento, esta leitura poderá incentivar o debate e a criação de novos espaços para o exercício do pensamento crítico nas organizações.

Gostaríamos de ressaltar que o trabalho de mobilizar as empresas para a incorporação da responsabilidade social na gestão de seus negócios é um processo de aprendizado contínuo, que ocorre em vários níveis. Estamos convictos de que essa publicação é mais um instrumento que pode contribuir para o enriquecimento desse processo.

Desejamos uma ótima leitura.

PÓS-MODERNIDADE E NOVOS PARADIGMAS

Frei Betto*

Sentimos, hoje, mal-estar em relação aos cinco pilares da modernidade e da sociedade em que vivemos: o Estado, a família, a escola, a Igreja e o trabalho.

Fernando Sabino costuma afirmar que mineiro já nasce louco, depois piora... No interior de Minas, quando o sujeito enlouquecia, dizia-se que “se manifestou”. Uma pessoa que “se manifestava” era aquela que, de alguma forma, não estava adequada a uma destas cinco instituições: família, Igreja, escola, Estado ou trabalho. As pessoas que, por acaso, estivessem sintonizadas nesses cinco pilares da sociedade moderna, eram consideradas “normais”.

Ora, os cinco estão em crise, causando-nos desconforto. Todos vivemos num estado de muita dúvida sobre o momento atual. O que se passa no Brasil e no mundo... e por quê?

Somos contemporâneos de um fato absolutamente novo na história da humanidade: a era imagética. Somos a primeira geração televisiva da história. Nossos bisavós, tataravós e “metralhavós” não conheceram isso. A minha avó jamais poderia imaginar que, sentada no sofá da casa dela, pudesse assistir a um evento do outro lado do planeta, em tempo real.

Somos também contemporâneos de um outro evento, que não é novidade, mas é raridade: mudança de época. Ou seja, não vivemos apenas numa época de mudanças; vivemos uma mudança de época. A última vez que isso ocorreu no Ocidente foi na passagem do período medieval para o período moderno, nos séculos 15 e 16. Agora, passamos do período moderno para o período denominado de pós-moderno.

Em muitos aspectos, essas duas mudanças de época, a do século 16 e a do século 20, se parecem. Hoje, utilizamos o nome de globalização para o neocolonialismo. Prefiro ser mais explícito e chamar de *globocolonização*, na medida em que uma determinada cultura e uma determinada concepção de vida são impostas ao mundo, e não várias concepções e culturas.

Na China, entrei numa casa de discos e havia um pôster do Michael Jackson. Não tenho nada contra os chineses gostarem do Michael Jackson, mas gostaria de chegar numa casa de discos em Nova Iorque e encontrar um pôster de um chinês... Em Manaus, moças faziam cooper com meia de lã até o joelho, inspiradas em personagens de uma novela da Globo.

Existe um modelo de sociedade hegemônico, anglo-saxônico, que nos é imposto como ideal, sem que, hoje, tenhamos a possibilidade de visualizar novos modelos históricos, tão ampla é a hegemonia desse modelo neoliberal. Mas se pensarmos o que significaria

a população de um país como a China ter, hoje, o padrão de vida americano, com tantos automóveis quanto nos EUA, isso significaria, no mínimo, o fim da camada de ozônio (que abre um buraco de 30 milhões de km sobre o sul da Argentina e do Chile). Isso significa que o esforço de pensar um novo modelo de convivência social é um desafio e uma necessidade.

A diferença entre a colonização ibérica e a globocolonização atual é pequena. Aliás, a globalização não foi inventada nem pelo capitalismo neoliberal, nem pela colonização ibérica. Foi inventada por São Paulo, no século 1. Ele foi o primeiro que rompeu uma determinada cultura, geografia e etnia, para propor uma mensagem universal, que adquiriu até esse nome. “Católico” significa, em grego, “universal”. Como vários povos, sem perda da sua identidade e cultura, podem abraçar uma mesma crença? Até então, todas as religiões eram confinadas às suas raças, aos seus povos, às suas etnias.

Tempo e história

Enfrentamos, hoje, um processo de desistorização do tempo. A história que conhecemos é a história contada pelos vencedores, tanto que, a rigor, esses 500 anos de Brasil deveriam ser comemorados em Portugal, não aqui, porque foi uma vitória dos portugueses. Seria estranho, como escreveu Oded Grajew outro dia, que a República Tcheca comemorasse 50 anos da invasão nazista... De qualquer forma, isso não quer dizer que não deveríamos comemorar. A palavra comemorar é exata, não a palavra celebrar. Porque comemorar significa, etimologicamente, “fazer memória”. Só que, aqui, se comemorou pelo viés equivocado. Deveríamos ter obtido *know-how* do governo francês que, em 1989, ao comemorar os 200 anos da Revolução Francesa, conseguiu envolver toda a nação, dos segmentos mais conservadores aos mais progressistas, abrindo um leque de eventos que resgataram a memória da nação à luz da Revolução Francesa, mas sobretudo dos desafios que se apresentam hoje no contexto europeu.

Infelizmente, não fomos buscar aquele *know-how* e deu no que deu. Ou seja, promoveu-se uma festa de aniversário para a qual a maioria da família não foi convidada. Se você exclui o seu filho de um aniversário na sua casa, é normal que ele atire pedra na vidraça, pois é a forma dele chamar a atenção e dizer “estou excluído, mas quero participar”.

Há, hoje, um processo de desistorização do tempo. Daí a nossa dificuldade, nessa crise da passagem da modernidade para

a pós-modernidade, de consolidarmos valores como, por exemplo, a ética. Não existe projeção, prospecção, estratégia, sem a concepção do tempo como história. Essa, seguramente, foi uma das maiores aquisições do Ocidente e está sendo, no momento, uma das maiores perdas. Os gregos tinham a idéia do tempo cíclico. As coisas acontecem e se repetem. E tinham uma idéia também do destino. Há algo anterior a mim que traçou os caminhos da minha vida. E esse poder é inelutável.

Os persas foram os primeiros a perceber o tempo como história. E os hebreus nos passaram, através do Antigo Testamento, essa idéia forte de que tempo é história.

Entre os grandes pilares da cultura contemporânea, três trabalharam o tempo como história e os três eram judeus: Jesus, Marx e Freud. Jesus trabalhou o tempo histórico como construção do reino de Deus, e fez a ligação entre o princípio, o Paraíso e o fim, a escatologia, o Apocalipse, a nova vinda. A visão cristã imprime ao tempo uma historicidade, como herança da visão judaica, na qual isso é muito arraigado.

Marx ensinou que só podemos entender os vários modos de produção, resgatando a história desses modos. E Freud, que só podemos entender os desequilíbrios de uma pessoa resgatando a história dessa pessoa. Indo, inclusive, aos porões do inconsciente.

Quando se tem a percepção do tempo como história, tem-se o varal onde pendurar os valores. Ou seja, a vida ganha um sentido. E esse é o bem maior que todos nós procuramos: um sentido.

Quem teve a oportunidade de assistir à entrevista do professor Milton Santos ao Bóris Casoy, num domingo, viu o professor fazer uma distinção sábia. Ele afirmou que o nosso projeto de sociedade está, hoje, ancorado em bens finitos, quando o projeto da felicidade humana deveria estar ancorado em bens infinitos. A nossa frustração é que os bens finitos são finitos, e o desejo é infinito. Quando centrado em bens finitos, o desejo não encontra satisfação.

Os bens da dignidade, da ética, da liberdade, são infinitos, como a paz e o amor. Como esses bens não têm valor de mercado, não podem ser adquiridos na esquina. Até tentam nos vender simulacros. A publicidade sabe que todos nós buscamos a felicidade. Como ela não tem como nos oferecer a felicidade, tenta nos convencer de que a felicidade é o resultado da soma de prazeres. Tomo este guaraná, visto esta roupa, tenho conta neste banco, ando neste automóvel, viajo de férias para este paraíso, aí vou ser feliz, pois veja como as pessoas que estão lá são todas felizes! Todo o projeto é baseado no ter e não no ser.

Quando não temos a percepção do tempo como história, não temos o varal onde pendurar os valores e, portanto,

corremos o risco de perda de sentido, entramos num vazio. Vocês devem se lembrar que, antigamente, as pessoas namoravam, casavam, noivavam, faziam bodas de prata e, algumas, até bodas de ouro. Por quê? Porque havia um sentido, uma dinâmica de valores dentro do compromisso conjugal. Hoje, as pessoas casam, descasam, namoram, rompem, a ponto de um amigo meu - que já está no quarto casamento -, outro dia convidar os amigos para a sua boda de prata. Ninguém entendeu nada. Ele explicou: "Já que nunca farei bodas de prata com a mesma companheira, somei quantos anos de vida conjugal tenho desde o primeiro casamento e, por isso, vou comemorar os 25 anos". Assim, ele deu a festa.

A perenização do presente

Hoje, entramos na dinâmica do pensamento único, na idéia de que este modelo de sociedade capitalista neoliberal é o ideal. Como disse Fukuyama, guru do neoliberalismo, "a história acabou". Crer nisso é acreditar que não há futuro.

Qual é a lição que apresenta essa perspectiva? A perenização do presente. Querem nos convencer de que, daqui a 200 ou 500 anos, haverá shopping-center, mercado, Bolsa de Valores, competitividade, porque ninguém ousa imaginar algo diferente. A menos que corra o risco de ser chamado de dinossauro ou maluco.

Ora, quem conhece a história sabe que Alexandre Magno sonhou que a sua conquista do mundo seria eterna. Os doze césores de Roma ambicionaram a mesma coisa. A Igreja, no período medieval, achou que tinha chegado ao Reino de Deus. Hitler até ousou chamar o seu projeto de Terceiro Reich, o reino definitivo da sua conquista, e deu no que deu... Stalin, a mesma coisa na União Soviética. Eis uma grande bobagem: a pretensão de que um momento histórico possa se perenizar.

O que há de grave, neste nosso momento histórico, é que não há uma proposta que se contraponha a esse modelo neoliberal de sociedade. Somos seres visceralmente vocacionados ao sonho. Somos o único animal que não pode deixar de sonhar. O único animal incompleto. Uma vaca está na sua plenitude bovina, feliz; o cachorro na sua plenitude canina, precisa só de uma comidinha, um carinho e fala consigo ao nos fitar: "Coitado, ele ainda tem que fazer reunião, discutir política, ler jornal, enfrentar problemas familiares". A samambaia precisa de muito pouco para ser feliz, um pouquinho de sol e água.

Nós não. Somos seres marcados pela incompletude e, por isso, a nossa completude só se realiza no sonho. Temos que sonhar. O sonho pode ser um projeto político, uma fé religiosa, um ideal profissional ou uma vocação artística. Somos seres vocacionados à transcendência. Não nos bastamos.

A perda da dimensão histórica do tempo coincide com a entrada de uma “cultura” que, cada vez menos, se preocupa com aquilo que é o verdadeiro caráter da cultura. Cultura é tudo aquilo que aprimora o nosso espírito e a nossa consciência. Quanto mais consciência e densidade espiritual uma pessoa tem, menos consumista ela se torna. Porém, cada vez mais a cultura é atrelada ao consumismo. Perde o seu valor como fator de humanização para virar mero entretenimento. Existe uma máquina publicitária que não está interessada em formar cidadãos, está interessada em formar consumidores. A ponto de se estender isso até a infância.

A erotização precoce

Quem já chegou à idade média, como eu, sabe que, em nossa infância, não havia o fator dinheiro. Ele apareceu na nossa vida quando entramos na adolescência. Nunca tivemos a idéia de qual era a marca do calçado que usávamos, da roupa que vestíamos, e a palavra grife nem existia.

Acontece que o mercado infantil é o filé mignon do consumismo. Porque criança tem duas vantagens: falta de discernimento frente ao valor do produto, valor de compra e valor de uso, e capacidade de insistir tanto, que os pais acabam comprando para se verem livres da chateação, mesmo sabendo que aquilo vai ser encostado em uma semana. O dado que tenho é de 1998. O mercado americano teve um lucro líquido, com o consumo infantil, de US\$ 125 bilhões. No Brasil, em 1999, o lucro foi de US\$ 45 bilhões.

Como se faz uma criança virar consumidora? É difícil. Porque a criança é dotada de um artifício natural que lhe serve de antídoto: a sua fantasia. Um menino ou uma menina, de 4 ou 5 anos, brincando sozinho, é um bando.

A fórmula para transformar uma criança em consumidora é pela via da erotização precoce. Quando se consegue que uma criança de 4 ou 5 anos preste demasiada atenção ao próprio corpo, ela entra na perspectiva do desejo do consumo. Passa a viver uma esquizofrenia, porque é biologicamente infantil e psicologicamente adulta. Um simulacro de adulto. Isso é mais ou menos administrável, porque ela consegue jogar a fantasia, tanto na sua ambição de consumo, quanto no mimetismo ao comportamento adulto. Acontece que, ao chegar à puberdade, ela vive uma crise, como todos nós vivemos. A puberdade é o momento da adequação da razão à realidade. É quando descobrimos que há uma inversão. A fantasia passa ao segundo lugar e, a razão, ao primeiro. A infância é ótima, porque a fantasia está em primeiro e, a razão, em segundo.

Essa criança, marcada pela perspectiva consumista, chega à puberdade numa enorme insegurança. O real é assustador.

E, nesse momento, por uma perversa intuição profissional, é que se aproxima dela o traficante de drogas e diz: “Não se preocupe, você vai poder continuar sonhando, só que quimicamente”.

A questão da droga está diretamente associada à questão da eliminação da infância como espaço lúdico, de criatividade, para ceder lugar ao consumo e à babá eletrônica, que sonha pelo telespectador mirim. Na minha infância, felizmente, não havia a ditadura da televisão, e a gente brincava na rua. O máximo de consumo era pedir ao pai que trouxesse, do centro da cidade, uma caixa de pregos, pois montávamos os nossos brinquedos. E havia todo um exercício de sociabilidade no bando de rua.

Hoje, há uma caixa eletrônica que sonha pela criança e promove uma transferência. A família quer inculcar determinados valores, a TV propõe antivalores. Meu pai me impedia de passar em determinadas ruas de Belo Horizonte, porque lá ficava a zona boêmia da cidade. Hoje, você não pode proibir o seu filho. Basta ele ligar a TV para o bordel entrar no quarto e na sala da casa. E, se bobear, ele ainda liga para a telepornografia e estoura a conta de telefone da família.

Vivemos, pois, numa situação em que a vida volta a ter dimensão cíclica, não histórica; e dentro dessa dimensão cíclica é difícil ter um varal onde dependurar os valores. E o sonho como utopia ou projeto passa a ser quase um crime, uma anomalia. “Não, você tem que aceitar essa sociedade tal como ela se apresenta”, diz o pensamento único.

A perspectiva de perenização desse presente nos leva à síndrome da juventude eterna. Já que o presente tem que ser perenizado, também a minha juventude tem que ser perenizada. Hoje, ficar velho é uma falta de educação; engordar, então, nem se fala... Vale a anedota:

—Como é... foi no enterro do nosso amigo?

—Fui.

—E como ele estava?

—Olha, com tudo em cima, morreu sarado...

A privatização metafísica

Nessa cultura globocolonizadora, consumista, a verdadeira cultura é substituída pelo entretenimento. A perenização do presente, como experiência privada, é reflexo da “privatização” da filosofia do neoliberalismo, que tem como efeito a glamourização das relações pessoais, criando novos *apartheids*. São excluídos aqueles que não correspondem aos modelitos do consumismo imperante.

Ficar doente, ter uma deficiência física ou um filho com uma anomalia mental, é caso de esconder debaixo do tapete.

Quase todo mundo tem, mas pouca gente sabe. Quase todo mundo tem um doido na família, mas a família morre de vergonha, dá um jeito de esconder. Por quê? Porque vivemos numa sociedade em que, inconsciente, incorporamos os modelos do consumismo.

Diante desse panorama, quais os desafios que se nos apresentam? Parto dos fatos recentes em Porto Seguro, quando foi comemorado os 500 Anos de Descobrimento do Brasil. O que aconteceu ali foi algo mais grave do que a imprensa fala. Não nos assumimos como nação brasileira, com as nossas raízes. Uso uma metáfora: tenho um filho deficiente mental, dou uma festa na minha casa e dou um jeito de sumir com esse menino. Porque se ele aparecer na festa quebra o clima. Em plena festa, o menino aparece.

Foi isso que ocorreu em Porto Seguro. Os povos indígenas sempre foram considerados, pela nossa cultura segregacionista, como esse menino que tem de ficar lá no mato, porque somos descendentes dos europeus. Basta recordar que o Brasil sempre esteve de costas para a América Latina. Todo o desenvolvimento brasileiro se deu na faixa litorânea. A nossa proximidade com a Europa e, mais recentemente, com os Estados Unidos, é muito maior do que a nossa proximidade com a América Latina. Talvez sejamos o povo da América Latina que tem menos sentimento de latino-americanidade. Raízes indígenas, nem falar...

Por quê? Porque temos uma enorme dificuldade de nos assumir como povo brasileiro, não fomos educados para isso, não entendemos o significado dos povos indígenas. Eles representam uma reserva antropológica única no planeta. Temo que, assim como hoje crianças brincam com dinossauros, numa certa nostalgia, com pena daqueles bichões terem desaparecido, daqui a 200 anos talvez venham a brincar com indiozinhos, e um menino diga para o outro: “Mas o vovô, quando era criança, viu um índio vivo na televisão.”

Olhamos o índio a partir do que nós temos e eles não têm. A dificuldade é fazer o exercício contrário. O que é que eles têm que eu não tenho? Eles não têm apropriação privada de bens, não têm miséria - estou falando de índios aldeados, aqueles que ainda estão tribalizados -, não têm indiferença a quem sofre, não têm marginalização de idosos e crianças. Eles têm um profundo espírito de solidariedade.

Há duas semanas, estive numa empresa que promove seminários internos para elevar o nível de cidadania dos seus funcionários. O vice-presidente da empresa abriu a sessão dizendo: “Olha, precisamos crescer em consciência de cidadania; ontem vi na televisão aquela manifestação em Washington contra o FMI e fiquei pensando: se o brasileiro tivesse o mínimo de consciência de cidadania, nós estaríamos fazendo o mesmo na porta do Tribunal de Contas do Município. Com essas denúncias

contra o prefeito... Mas ninguém sequer passa lá com o carro e dá uma buzina.”

Falei para mim: “Poxa, alguma coisa está mudando nesse país, onde uma empresa está preocupada com o crescimento da consciência cidadã.” Hoje, muitas empresas admitem que falsos valores, como a competitividade, entram tanto na cabeça dos funcionários, que eles acabam competindo entre si. Aí emperra a coisa. Porque a competição deve ser de empresa a empresa. Mas a idéia de que tenho de competir, tenho de passar por cima do meu colega do trabalho, acaba predominando.

É como o problema da vacina da Aids. Penso que vai demorar a ser descoberta. Por quê? Porque o cientista que descobriu, na França, uma proteína, não fala para o outro que descobriu nos Estados Unidos uma enzima. Todo mundo quer ser o primeiro a chegar no pódio. Até porque sabe-se que quem chegar primeiro vai ganhar, no primeiro ano, US\$ 10 bilhões com a vacina. Se houvesse cooperação, talvez já houvesse vacina para Aids. E também para combater a fome, que mata muito mais do que a Aids. A vacina é um prato de comida por dia. Mas como a fome faz distinção de classe, e a Aids não, então temos, em Santa Mônica (EUA), a Fundação Elizabeth Taylor Contra a Aids, mas não a Fundação Elizabeth Taylor Contra a Fome.

Existe um outro problema além da fome e que, como a Aids, não faz distinção de classe: a destruição do meio ambiente. Estamos numa nave espacial chamada Terra que, como os aviões transcontinentais, é dividida em primeira classe, classes executiva e econômica. Mas, na hora que cai, morre todo mundo igual. Dizem que a Boeing está inventando uma primeira classe ejetável. Você paga US\$ 20 mil para dar adeusinho para os demais... Mas enquanto não se inventa isso, todos somos indistintamente afetados pelas questões do meio ambiente.

Alteridade e culturas paralelas

A dificuldade, dentro da ótica neoliberal, é trabalhar a dimensão da alteridade. O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e aqueles que não foram à escola sabem outras tantas, e graças à essa complementação vivemos

em sociedade. Possivelmente, a cozinheira lá do convento sabe muitas coisas que não sei, e eu sei muitas coisas que ela não sabe. Mas se pesar na balança, e perguntar quem pode prescindir do conhecimento do outro, tenho certeza de que não posso prescindir da culinária dela para sobreviver. E ela, seguramente, pode prescindir da minha filosofia e da minha teologia para sobreviver.

Numa sociedade de tamanho *apartheid* social como a brasileira, predomina a concepção de que aqueles que fazem serviço braçal não sabem. No entanto, nós que fomos formados como anjos barrocos da Bahia e de Minas, que só têm cabeça e não têm corpo, não sabemos o que fazer das mãos. Passamos anos na escola, saímos com Ph.D., porém não sabemos cozinhar, costurar, trocar um equipamento elétrico em casa, identificar o defeito do automóvel... e nos consideramos eruditos. E o que é pior, não temos equilíbrio emocional para lidar com as relações de alteridade. Daí por que, agora, mudaram o Q.I. para o Q.E., o Quociente Intelectual para o Quociente Emocional. Por quê? Porque as empresas estão constatando que há, entre seus altos funcionários, uns meninões infantilizados, que não conseguem lidar com o conflito, discutir criticamente com o colega de trabalho, receber uma crítica do seu chefe e, muito menos, fazer uma crítica ao chefe.

Quem dera que fosse levada à prática aquela idéia de, pelo menos a cada três meses, cada setor de trabalho da empresa fazer uma avaliação, dentro da metodologia de crítica e autocrítica. E que ninguém ficasse isento dessa avaliação. Como Jesus um dia fez, ao reunir um grupo dos doze e perguntar: “O que o povo pensa de mim?” E depois acrescentou: “E o que vocês pensam de mim?”

Quem de nós é capaz disso? Sempre acho que o outro pensa de mim aquilo que eu gostaria que pensasse. E morro de medo de ele falar aquilo que realmente pensa. Por isso mantenho o meu ego aprumado, pois, se ele falar, verei que o olhar dele não é aquele que projeto narcisicamente nas relações sociais.

A questão da alteridade é séria. Não temos mais alteridade com a natureza. Essa é uma perda irreversível da nossa civilização. Não sei se um dia será resgatada, duvido muito. A nossa relação com a natureza é de sujeito para objeto. Só temos relação de sujeito a sujeito, como o índio tem, até os cinco anos de idade. Qualquer criança até essa idade tem. Veja o exemplo de uma criança lidando com um cachorro bravo. Ela monta no cachorro como se fosse cavalo, enfia a mão na boca do animal, sem risco, porque o cachorro percebe que a relação é de alteridade. É de sujeito para sujeito. A partir dos cinco anos, perdemos a alteridade frente ao animal e ele percebe. A relação passa a ser de sujeito para objeto. O índio não. Ele mantém com a árvore, o rio, a mata, uma relação de sujeito para sujeito. Daí a dificuldade

de os teólogos cristãos entenderem. “Ah, isso é animismo, isso é superstição”. Não, isso é relação de alteridade. Ou seja, o outro é tão sagrado e dotado de dignidade e direitos quanto eu.

Eis a dificuldade que temos de entender o outro na sua dimensão. Mesmo nas filosofias progressistas, há sempre alguém marginalizado. O marxismo, por exemplo, convoca a classe trabalhadora como sujeito histórico, mas não os índios, não os desempregados, que no século passado eram chamados de lumpemproletariado. Em todas as culturas há sempre um setor secundário, considerado objeto, não sujeito histórico.

Quem, a meu ver, na cultura ocidental, melhor enfatizou a radical dignidade de cada ser humano, inclusive a sacralidade, foi Jesus. O sujeito pode ser paralítico, cego, imbecil, inútil, pecador, mas ele é templo vivo de Deus, é imagem e semelhança de Deus. Isso é uma herança da tradição hebraica. Todo ser humano, dentro da perspectiva judaica ou cristã, é dotado de dignidade pelo simples fato de ser vivo. Não só o ser humano, todo o Universo. Paulo, na epístola aos romanos, assinala: “Toda a Criação geme em dores de parto por sua redenção”. Os católicos rezam no Credo “creio na ressurreição da carne”. Hélio Pellegrino dizia que não há nada mais revolucionário do que proclamar a ressurreição da carne. Portanto, a ressurreição não é do espírito. A carne representa a materialidade do Universo.

Não podemos partir do princípio de que isso aqui é o fim da história, como quer Fukuyama, ideólogo do neoliberalismo. A nossa humanidade é muito recente neste Universo de 15 bilhões de anos. Há apenas dois milhões de anos apareceu o ser humano. É absurdo achar que esse modelo neoliberal de sociedade é definitivo. Basta dizer que um fator tão natural e elementar como a necessidade animal de comer ainda é privilégio entre os 6 bilhões de habitantes do planeta. Sobretudo no Brasil. Aqui o escândalo é maior. Estamos entrando no século XXI, convivendo com a fome num país que tem potencial de três colheitas por ano. Os europeus estão vindo plantar uva em Pernambuco, porque em nenhum lugar da Europa dá, como ali, duas ou três safras de uva por ano. Somos o maior produtor mundial de frutas, o sexto produtor mundial de alimentos, e possivelmente o único país do planeta, com dimensão continental, sem nenhuma catástrofe natural. Não temos furacão, ciclone, maremoto, vulcão ou deserto. Nosso único problema é que não temos governo.

Educar a subjetividade e para a generosidade

Nossas concepções éticas são forjadas por um processo social onde o capital, um bem finito, tem mais prioridade do que os bens

infinitos - a dignidade, a ética, a liberdade, a paz, a experiência espiritual etc.

Encontrei no elevador a Michelle, vizinha do convento, no prédio ao lado, às 10h da manhã. Ela tem 10 anos de idade. Eu falei:

- Michelle, você não foi à aula?
- Não, Frei Betto, minha aula é à tarde.
- Que bom, de manhã você fica brincando?
- Não dá. Tenho muita coisa pra fazer.
- Que coisas?
- Tenho aula de natação, balé, inglês, violão...

Ela começou a demonstrar a garota cibernética que é. Em nenhum momento disse: “Tenho que brincar”. E nem: “Tenho que meditar”.

Estamos perdendo a vida interior, e entrando em outra anomalia, a hipertrofia do olhar e a atrofia do escutar. Estamos perdendo a experiência do silêncio. A perda da experiência do silêncio é a perda da possibilidade de encontro consigo mesmo. Quanto menos apreensão tenho do meu ser, mais dependente fico do meu ter. A ponto de a relação ser humano-mercadoria-ser humano se inverter. Passa a ser mercadoria-ser humano-mercadoria. Se chego na sua casa de BMW, tenho um valor A. Se chego de ônibus, tenho um valor Z. Sou a mesma pessoa, mas a mercadoria que reveste o meu ser humano passa a ter mais valor do que eu, e passa a me imprimir valor. É a síndrome da grife. O bem que eu porto é que imprime valor à minha qualidade como ser humano.

Dentro desse quadro, o desafio que se coloca para nós é como transformar essas cinco instituições pilares da sociedade em que vivemos: família, escola, Estado (o espaço do poder público, da administração pública), Igreja (os espaços religiosos) e trabalho (a empresa). Como torná-los comunidades de resgate da cidadania e de exercício da alteridade democrática. O desafio de transformar essas instituições naquilo que elas deveriam ser sempre: comunidades. E comunidades de alteridade.

Aqui entra a perspectiva da generosidade. Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então, sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível, a do amor, se quisermos usar uma expressão evangélica – porque, se tirar essa via, caio no colonialismo, vou querer ser como ele ou que ele seja como sou; a via do respeito, se quisermos usar uma expressão ética; a via do reconhecimento dos seus direitos, se quisermos usar uma expressão jurídica; a via do resgate do

realce da sua dignidade como ser humano, se quisermos usar uma expressão moral. Ou seja, isso supõe a via mais curta da comunicação humana, que é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.

A nossa identidade é construída pela nossa história. A minha história é a minha história, e ninguém terá uma história idêntica à minha. E é isso que faz a minha identidade.

Quando eu estava preso na ditadura, vivi uma experiência, pela qual nunca passei antes nem depois. Foi tão marcante que nunca mais esqueci, e talvez isso me faça entender um pouco melhor os povos indígenas hoje, porque eles, com muita frequência, vivem essa experiência.

Fiquei algumas semanas privado da possibilidade de ver o meu rosto num espelho. É uma experiência terrível: não se ver no espelho. E cheguei a uma conclusão que me pareceu absurda, mas ela é constatável agora por vocês também. Nenhum de nós, por mais que se olhe no espelho ao longo da vida, guarda a memória das suas feições. Sei como você é porque estou olhando-o agora, mas você não sabe como são as suas feições, a não ser quando se olha no espelho. É como se a natureza quisesse nos dizer que fomos feitos para olhar o outro, e não a si próprio.

Como os povos indígenas têm pouca relação com o espelho, têm a capacidade de desenvolver o olhar para o outro mais do que para si mesmo. Isso deve ter alguma influência. É uma experiência empírica minha. Mas que me levou a pensar o seguinte: “Como me espelho no olhar do outro? Como o outro se espelha no meu olhar?” Só posso saber isso pelo caminho mais curto - o diálogo, que é a possibilidade de expressarmos o que somos e sentimos, mais do que aquilo que pensamos. E, através dessa expressão, começamos a apreender a riqueza do grupo social, da comunidade que nós formamos.

Contextualização

Hoje, busca-se contextualizar as instituições. Só entendo melhor um texto, se entender o contexto em que ele foi criado. Quanto mais entendo o contexto, mais sou capaz de interpretar o texto. Em outras palavras, é como aquela empresa de auditoria econômica que abriu vagas. Apareceram 800 candidatos, mas era para selecionar só 80. Duzentos passaram na prova. Apareceram os 200 no dia da seleção final. O gerente da empresa entrou no salão, virou-se e perdeu:

—“Fiquem de pé todos aqueles que, nesta manhã, não ouviram rádio, não leram jornal, nem viram noticiário na televisão.”

Dos duzentos, uns cento e tantos levantaram. Ele falou:

—“Podem ir embora.”

—“Mas, como?...”, reagiram os candidatos.

—“Podem ir embora” - insistiu o gerente. - “Quem não está ligado no que acontece no país e no mundo, não interessa para a empresa.”

Aquela empresa percebe a importância da cultura. Cultura não é o Ph.D. que tenho. É a capacidade de me sintonizar com o contexto em que estou inserido. Diz-se hoje que informação é poder. Mas informação é poder na medida em que está ancorada numa formação, e na medida em que essa formação me possibilita selecionar a informação pertinente.

São processos que se apresentam como desafios. Como transformar essas cinco instituições em espaços de educação para a cidadania e de formação de consolidação da democracia? Em espaços de escolas Políticas, com o “P” maiúsculo?

Educação política

Há pouco, saiu uma pesquisa constatando que 81% dos jovens têm nojo da política. Isso é grave, pois se as novas gerações não têm utopia, correm o risco de sonhar com a droga ou partir para a barbárie. Mas com alguma coisa elas têm que sonhar. Não dá para viver sem sonho. E quem tem nojo de política é governado por quem não o tem. Se a maioria tem, então deve aceitar que é o fim da democracia. Uma minoria que não tem vai governar, por causa do desinteresse da maioria.

Outrora, quanto menos se falava de educação sexual, mais bobagens se fazia na rua. Hoje acontece o mesmo com a política; quanto menos se fala, mais bobagem se faz nas urnas. Estamos vendo os resultados por aí.

A proposta que eu queria trazer era esta: como transformar uma empresa em escola de cidadania e democracia? Esse o desafio que se apresenta para nós.

Obrigado, e agora fico à disposição para perguntas, complementos e debate.

[aplausos]

Perguntas e Respostas

Pergunta: *Eu acho muito interessante quando você diz que existem hoje essas comunidades, teoricamente formadas, e que elas*

podem ser transformadas numa área ativa para formar cidadãos. Como você parte de um ponto em que usa as vias do amor, do respeito e da ética, sem que as pessoas que fazem essa comunidade não o vejam com uma certa dose de hipocrisia? Como você ultrapassa a barreira da hipocrisia para atingir o exercício pleno da cidadania e da democracia?

Frei Betto: Há duas maneiras. Primeiro: quando a própria estrutura da empresa ou da escola prevê esses espaços de formação e informação. Isso seria o ideal. É aquilo que vivi na DHL. “Hoje vocês estão suspensos do trabalho duas horas mais cedo, porque vai haver uma palestra.” O que supõe que o sujeito, estando no horário de trabalho, está convocado a ir. Uns gostam, outros não, mas, enfim, a empresa é capaz de incluir, dentro do seu tempo de trabalho, este espaço.

O outro é o desafio de vencer este preconceito, quer dizer, não importa que o outro, no seu olhar preconceituoso, me olhe como hipócrita, como demagogo. Isso é inevitável. Comecei falando do sentido da vida, porque o sentido é o bem fundamental da felicidade humana. Quando uma pessoa encontra o sentido da vida, ela é capaz até de passar por situações que, aos olhos dos outros, são de sofrimento e extrema carência. Três exemplos: Francisco de Assis, Gandhi e Che Guevara. Foram três pessoas que abraçaram visceralmente o sentido da vida. Os três passaram, aos nossos olhos, por grandes privações. Agora, eu não tenho dúvida de que os três morreram plenos de felicidade.

É aquela coisa: o índio não tem geladeira. Eu não quero ser índio. O índio não tem automóvel. Eu não quero ser índio. Agora, o índio não tem que se preocupar em trabalhar oito horas por dia. O índio tem um espaço lúdico e de lazer na vida, que jamais terei. Vivo para trabalhar, o índio trabalha para viver. É claro que não dá para eu ir para uma tribo indígena, como fez o filho do general Rondon. Ele foi capaz, nós não somos capazes.

Vamos enfrentar o preconceito da nossa generosidade com muito mais força se estivermos convencidos de que este é o valor da vida. Quando uma pessoa interioriza o seu valor, ela está pouco se lixando para o que os outros vão pensar. Agora, quando interiorizo os valores do mimetismo cultural, aí fico inseguro.

Vou contar duas histórias que vivi recentemente. Uma moça veio me contar que estava brigando com os pais, porque proibiram que participasse de uma passeata contra o Pitta. Mas os pais não proibiam que fosse numa danceteria na sexta e no sábado à noite. E ela achava isso uma contradição... “Eu estou querendo virar cidadã, participar...”

Conheci um rapaz que resolveu largar o trabalho para viver seis meses num assentamento do MST. A mãe dele, que é agente social, está horrorizada. Ele disse: “Se eu fosse lavar

privada em Nova Iorque, minha mãe ia achar o máximo.” Por causa do mimetismo, isso dá status. “Meu filho está em Nova Iorque.” Ninguém sabe que o ele está fazendo e nem convém saber. Mas mora em Nova Iorque. Agora, dizer que o meu filho está num assentamento do MST, no interior da Bahia, não dá Ibope. É complicado.

Pergunta: *O que você faria com essa problemática da Febem? O que nós vimos ontem na televisão, eu ainda estou...*

Frei Betto: Pelo pouco que entendo, acho que ali está tudo muito errado. Pelo seguinte: não se pode reunir, numa mesma unidade correcional, adolescentes e crianças. Este é o primeiro critério. Segundo: não se pode reunir tantos garotos numa mesma unidade. Quer dizer, teria de haver mais unidades com menos garotos. Terceiro: as pessoas que ali trabalham, em geral, não são preparadas, não têm nenhum tipo de monitoria pedagógica. São carcereiros, que trabalham com os internos na base da sedução e da extorsão. Ou seja, eu tenho de estar bem com eles para não me agredirem, podem fugir em outro plantão, não no meu. E ao mesmo tempo, eu tenho de me valer deles para aumentar o meu salário. Então, eles vão me enturmar com o pessoal aqui de fora, é o pessoal que vai fazer eu levar cigarro, bebida, maconha, não sei o quê, mas eu vou ganhar o meu.

Não terá saída, enquanto não mudar a metodologia, tanto na seleção do pessoal, quanto no treinamento, na filosofia, na concepção educativa... Hoje, vivemos uma situação em que o poder público não investe em recursos humanos - basta dizer que mais de 70% da verba reservada à educação no Brasil destina-se às universidades, e não à pré-escola ou ao ensino fundamental. Há uma inversão total de critérios de valores. Nós estamos vivendo uma situação absolutamente anômala, que é, primeiro, criança de rua, um problema raro no mundo, mesmo na América Latina. E, segundo: nós temos medo dessas crianças, com uma consciência de que nós estamos criando monstros, por falta dessa inversão.

Mas não há recursos? Há recursos! Não há vontade política. Se nós tivéssemos dois bilhões de reais... isso já foi calculado pelo senador Eduardo Suplicy - o problema da infância abandonada seria resolvido. Considerando que nós temos 50 mil crianças e adolescentes trabalhando em lixões, temos 7 milhões de crianças de 7 a 14 anos fora da escola; temos 2 milhões e 900 mil crianças de 10 a 14 anos trabalhando para complementar o salário da família. São dados da UNICEF, divulgados em dezembro do ano passado.

Nós não temos uma política social no Brasil. E na falta da política social, não temos uma política para os dois pólos mais afetados pelo descaso social, que é a infância e a melhor idade, que são os idosos - agora não se fala mais em terceira idade. É uma questão estrutural e política.

Temos de ver o que fazer, de acordo com as nossas possibilidades, para amenizar este problema. Todo ano, na Quaresma, eu faço uma campanha para uma obra de crianças abandonadas ou carentes, que eu conheça bem e na qual confie. Conheço várias iniciativas. No ano passado, eu fiz campanha para o padre Júlio Lancelotti, que mantém crianças muito pobres, abandonadas, portadoras do vírus da Aids, porque não existe um serviço público para isso. Lembro do caso de um travesti que vivia aqui em São Paulo. Foi assassinado pelo companheiro dele, o Brendali, que, aliás, é personagem de um romance meu, *Alucinado Som de Tuba*, para adolescentes, sobre criança de rua. O Brendali tinha vocação para ser médico, só que era muito pobre, baiano, nunca pôde estudar. Ele transformou a pensão em que morava, em São Paulo, em hospital para travestis contaminados pela Aids em estado terminal. Foi a primeira vez, no Brasil, que alguém, sendo pessoa física, conseguiu ganhar na justiça o direito de receber verba pública. Naquela época, não havia nem o Hospital Emílio Ribas. Brendali cuidava, com esses recursos precários, dos seus companheiros em estado terminal. Isso é um retrato deste país.

Esta é a questão que nós temos de discutir. A partir dessa reflexão, nós vamos descobrir quais os instrumentos que podemos e devemos utilizar para mudar. O que não podemos é partir do princípio de que o que está aí é definitivo e perene. Temos que ousar, pensar um modelo de sociedade alternativa. Não podemos partir da idéia de que não somos seres criativos. Somos. Temos de ousar e resgatar essa utopia.

Pergunta: *Dentro de sua leitura da relação cidadão consumidor, colonizador, colonizado, aquele que tem, o diferente que não tem, como situar a mulher e esses valores intrínsecos dentro dos cinco pilares?*

Frei Betto: A mulher deu grandes passos nos últimos anos, na conquista dos seus direitos, sua emancipação, pelo menos em termos de direitos e algumas possibilidades em relação à figura masculina, o que muda hoje as relações de gênero.

Estamos vivendo uma revolução nas relações de gênero, novos modelos de relações, novos perfis sexuais. E essa mudança provoca uma grande insegurança no homem, que estava comodamente sentado no trono do patriarcado e, de repente, começa a ter dúvidas sobre se realmente ele é ou não o sexo forte. O outro é tão forte que ele fica muito inseguro diante da força do outro. O problema é que ainda temos uma sociedade marcada por esse patriarcalismo.

E mais: uma sociedade que na lógica do entretenimento trabalha com as duas dimensões, os dois pólos, nos quais nós oscilamos dia e noite no nosso inconsciente: a nossa origem de vida, a sexualidade, e o fim da vida, a morte, a violência.

Então, como fazer entretenimento é muito difícil, criar tantos programas humorísticos, com tanta bobagem, tantas

vezes, é uma arte muito difícil, a fórmula é provocar o curto-circuito desses dois pólos. Aí, a coisa fica fácil, porque está todo mundo ligado na sexualidade, na geração da vida, na finitude da vida. Nós somos o único animal que sabe que vai morrer. Nenhum outro sabe disso. Por isso, possivelmente, são mais felizes do que nós.

Ora, quando vem a mão perversa e transforma a sexualidade em pornografia e a experiência da transvivência em violência, a receita é perfeita. E a mulher é usada como isca de consumo. O espantoso é que os movimentos feministas, que tanto lutaram pelo voto feminino, pelos direitos da mulher, pelo divórcio, não se mobilizam em relação ao uso da figura da mulher, da ridicularização, da imbecilização da mulher como isca de consumo.

Então, são inevitáveis as conseqüências disso. Não me espanta que o uso que se faz da mulher na publicidade seja proporcional ao número de delegacias da mulher que se inauguram em todo o país. Às vezes, fico pensando se aquele motoboy que estuprou e assassinou várias mulheres em São Paulo não tinha 10% de razão e 90% de culpa. O que eu imagino é o seguinte: o motoboy tinha televisão e não tinha telefone. Como a publicidade não faz distinção de classes, ele era bombardeado por aquelas mulheres televisivas, dia e noite. Quem tem telefone, satisfaz a fantasia ligando para os números de telessexo. Ele não tinha, ia para a rua, ia às vias de fato. Por quê? Porque era mais vulnerável a esse tipo de pressão.

Mas o fato é o uso que se faz hoje da mulher, essa glamourização, esse tipo de modelito que se cria, que leva um bando de meninas adolescentes a sonharem em virar modelo ou atriz de novela como se fosse a melhor coisa da vida, a pensarem que não precisam mais se preocupar em estudar, em trabalhar a interioridade - elas nem sabem o que é isso, acham que é uma cidade do interior. A estética é reforçada, a estética mais epidérmica possível. Ou seja, menos cabeça e mais nádegas. Isso está levando a um esgarçamento social muito forte, principalmente da figura feminina.

É uma discussão que a gente tem que abrir: como vamos trabalhar os valores intrínsecos com a mulher, como vamos levar o homem a assumir o seu lado feminino. Primeiro, até a idéia dele falar sobre isso já é um problema. É preciso quebrar este tabu. Como? Socializando a discussão sobre relações de gênero e sexualidade nas cinco instituições que eu citei. Até hoje as escolas relutam em trabalhar a questão da sexualidade, as famílias relutam, é tabu. Não se fala sobre este tema, e quando se fala é na base da piada ou do escracho, como aparece na televisão. As coisas não são tratadas com seriedade. E se não são tratadas com seriedade, não há consciência séria a respeito. Quanto mais o tema vira tabu, mais ele entra no

universo de uma linguagem do preconceito, em vez de se lidar com veracidade, com transparência.

Pergunta: *Eu vou falar sobre o idoso. Como transformar uma empresa numa escola de cidadania? Pensando no que o senhor falou sobre a nossa história, a nossa falta de raízes, na característica do idoso, de ser alguém que quer “ser” mais e não ter mais. Será que a empresa não poderia abrir espaço para pensar nesse idoso como uma pessoa que pode transferir conhecimento, como o exemplo do índio?*

Frei Betto: Nós temos de pensar em alternativas para dar qualidade de vida à terceira idade. E esta questão, daquele que sabe ensinar àquele que não sabe, tem sido adotada em alguns lugares. Em Volta Redonda - possivelmente também em outras cidades existem exemplos semelhantes - há um professor de música aposentado que formou uma orquestra só de crianças carentes. Hoje, esta orquestra percorre o Brasil fazendo espetáculos. Ele recebeu um apoio mínimo da Prefeitura para adquirir os instrumentos e tirou as crianças da rua. É uma orquestra de qualidade.

As empresas, as instituições, poderiam criar oportunidades para essas pessoas que têm uma experiência da vida, têm um saber e, muitas vezes, não sabem que sabem e esse saber não é valorizado.

No livro que eu fiz com o Paulo Freire, *Essa Escola Chamada Vida*, eu conto o episódio da mulher que, numa favela, ouviu a palestra de um médico sobre amamentação, aleitamento. No final, ela disse: “Eu não entendi nada, porque não sou estudada. Ele sabe porque é estudado”. Eu perguntei: “A senhora sabe fazer frango ao molho pardo?” Ela falou: “Sei”. E deu uma verdadeira aula sobre como fazer aquele prato. Perguntei ao Dr. Raul: “O senhor sabe fazer?” Ele falou: “Eu não. Na cozinha, não sei nem fazer café”. Eu disse para ela: “Dona Maria, se a senhora e o doutor Raul estivessem perdidos numa mata e houvesse um único frango, ele, com todo o estudo que tem, morreria de fome; a senhora não. Ela deu um sorriso de orelha a orelha, porque descobriu, naquele momento, que tem cultura, que sabe, mas não sabia que sabia. Descobriu que não existe ninguém mais culto do que o outro. Existem culturas distintas e complementares na vida social. Só que umas são valorizadas; outras não. Esta é a diferença. O seu automóvel quebra, você fica como um imbecil, você é um auto-analfabeto, parado na rua. Aí vem um sujeito e fala: “Olha, o negócio é a rebobineta do fusível de câmbio”. Você não sabe o que é isso, acredita no desconhecido e ainda paga para ele fazer um trambique qualquer e levar o seu dinheiro. Ou vem um mecânico sério e diz: “O problema é este”. Ele não é analfabeto em matéria de automóvel como eu sou. Eu dependo da cultura dele, como ele depende da minha em outros setores. E por aí vai. Mas nós não temos essa ótica.

Como seria bom se os nossos centros de trabalho pegassem os aposentados, pegassem aqueles que por razão de

saúde tiveram que deixar de trabalhar mais cedo, e vocês pesquisassem qual é o patrimônio que trazem dentro de si mesmo, se perguntassem em que podem contribuir para a melhor humanização desses centros. É na música? É na arte? É na digitação? Seria fantástico se a gente conseguisse abrir esse campo.

Um dos horizontes que se apresentam hoje para os idosos é a Internet. Se percorrermos as redações das emissoras de televisão, dos jornais, das revistas, veremos que a grande maioria dos jornalistas tem entre 20 e 40 anos. Agora, com a Internet abre-se um horizonte novo de mercado de trabalho para o jornalista idoso. Sim, porque depois dos 40 o profissional vira “idoso”. Na Internet, o “idoso” não precisa de nada, a não ser de qualificação profissional. Você pode ter 70, 80 anos e trabalhar num site desses, sem precisar ter a mobilidade de um jovem de 20 anos.

* Frei Betto é escritor, autor de *“O indivíduo no socialismo”* (Editora Fundação Perseu Abramo), em parceria com Leandro Konder, entre outros livros.